

Literatura Brasileira Contemporânea

Brasília, primeira quinzena de abril de 1998 - ano II, nº 16.

boletim

As flores no aquário

Célia M. T. Tanno

Verão no aquário - Lygia Fagundes Telles. 10ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

Ao longo de todo o romance, o estado emocional (ou inconsciente?) da personagem Raíza é ilustrado pela sua associação a elementos do reino vegetal, começando com o sonho do início da narrativa, no qual seu pai surge-lhe com uma rosa no lugar do rosto. A essa imagem aliam-se as sensações olfativas, como o "perfume moribundo de rosas" e o "hálito de hortelã", para expor um sentimento de grande saudade do pai morto.

E, assim, as flores vão aparecendo com frequência, colorindo o ambiente ficcional, como na forma de um cravo vermelho moribundo, com duas moscas girando ao seu redor. Seria o cravo André, e as moscas Patrícia e Raíza?

Também são constantes nos perfumes de tia Graciana: "Inventei essa fórmula na semana passada, vai-se chamar Algumas Flores do Brasil, você gosta do nome?" Neste caso, refletem o desejo de preservar tudo, inclusive o perfume das flores apodrecidas.

Fernando, um dos namorados de Raíza, diz: "nada de guardar a flor dentro de um livro, não existe coisa mais triste no mundo do que fingir que há vida onde a vida acabou", associando a flor à vida e à liberdade.

As rosas estão ainda na gravura de Van Gogh pregada na parede, mas não se sabe se eram vermelhas, brancas ou amarelas: "Todas as cores se empastavam nas pétalas intumescidas e que desabrochavam em labirintos escalavrados pelo pincel na ânsia de encontrar uma saída". Estaria Raíza, aí, buscando uma saída, uma esperança, no que as rosas respondem, "vertendo sangue pelas pétalas gretadas: enquanto houver desespero, haverá luta. E na luta está a salvação".

Outro caso interessante está no que conta tia Graciana, a respeito do acontecido na ocasião da morte de sua irmã Guilene, num inverno rigoroso, quando, não havendo flores em toda a região, alguém misterioso manda uma linda coroa de lírios brancos. Mais uma vez, a flor está



arte: LFM sobre Matisse

associada não só ao amor mas também à morte.

Misteriosa ainda é a "data escrita a tinta numa das pétalas de uma flor seca: quinze de maio". Que data seria essa, que se mantém em segredo?

Até mesmo quando Raíza brinca, referindo-se às aulas de Latim de André, ela diz: "Rosa, Rosae, Rosae!" No fim, André morre e a moça pensa: "ele estava morto há tão pouco tempo que as flores do caixão ainda nem tinham murchado completamente", como se elas dessem uma medida de tempo e de amor, que ainda não tinha acabado totalmente.

O próprio nome Raíza tem origem no reino vegetal, e a personagem namora vários homens, "na ânsia de enraizar o amor, que de repente não é mais amor, é luxúria", e vê a mãe e a prima "encontrarem-se nas profundidades, como as raízes".

Ao final do romance, surge o médico Marcelo, que é uma "árvore firme em meio do caos" e tem cheiro de eucalipto. E então a moça lembra-se que a mãe também é uma árvore: "Os velhos vão-se enrijecendo, Raíza, fica difícil quebrá-los". Raíza é a raiz jovem e, portanto, ainda tem esperanças de se reconstituir, embora seu caminho seja tortuoso. A mãe e o médico são as árvores, firmes, e há ainda as flores, representando o romantismo de tia Graciana e também de Giancarlo, o pai de Raíza.

Os elementos vegetais vão compondo uma atmosfera misteriosa, na qual, à fragilidade das flores, contrapõe-se a altivez e a força das árvores, que, por sua vez, têm fortes raízes sob a terra. Com este conjunto, forma-se um jardim enigmático, como o da fotografia em que Giancarlo aparece, mesmo não se lembrando que jardim era aquele, nem quem tirou a fotografia, e nem sequer se um dia esteve mesmo lá.

Célia M. T. Tanno é professora de Japonês da UnB.



POEMA

Da infância I

Ana Maria Agra

A casa da infância
não é mais a casa de minha infância
É apenas um perfil opaco
tem apenas uma face
a outra é falta
geometria fragmentada
onde o tijolo?
onde o concreto?
onde o triângulo?

Varandas de minha infância
veredas de inçerto passo

Fonte: Ana Maria Agra - *Poemas em dor maior*. Brasília: Thesaurus, 1992, p. 18.

Sexta-feira, dia 17 de abril

O EXÉRCITO DE UMA HOMEM SÓ

de Moacyr Scliar

O livro do escritor gaúcho é o tema da próxima reunião do GT, que ocorre às **16 hs.**, na sala **B1-251**.

Leitura complementar sugerida:
Hayden White - "As ficções da representação factual"

Livros para o encontros seguintes:
24/4 - Autran Dourado - *A barca dos homens*

8/5 - Osman Lins - *Avalovara*

15/5 - Cristovão Tezza - *Um breve espaço entre cor e sombra*

22/5 - Carlos & Carlos Sussekind - *Armadilha para Lamartine*

5/6 - João Ubaldo Ribeiro - *Viva o povo brasileiro*

Só Lâmina

Revista de Literatura Brasileira Contemporânea

Fruto da evolução do GT e deste **Boletim**, passa a circular no próximo semestre **Só Lâmina - Revista de Literatura Brasileira Contemporânea**. Ela surge para estimular a discussão sobre esta literatura, pensando-a de forma múltipla, interdisciplinar e crítica, envolvendo os aspectos da produção, da edição/distribuição e da recepção.

Só Lâmina edita textos relacionados à literatura brasileira das últimas décadas, em todas as suas formas de expressão e enfoques - inclusive em perspectiva comparada. Abre espaços para o ensaio, a resenha, a entrevista, o depoimento, a tradução e, também, para inéditos de prosadores, poetas e dramaturgos contemporâneos.

RESUMO DAS NORMAS PARA APRESENTAÇÃO DE COLABORAÇÕES

1. Os artigos enviados a **Só Lâmina** devem ser inéditos, sendo vedada a apresentação simultânea a outra publicação.
2. Todos os artigos não solicitados serão encaminhados a relatores ad hoc, mantidos o anonimato tanto do autor quanto do parecerista. A decisão final sobre a publicação caberá à comissão editorial.
3. Os artigos devem ser digitados em fonte Times New Roman, tamanho 13, e espaço duplo. Devem ser encaminhadas a **Só Lâmina** duas cópias impressas, uma das quais sem qualquer identificação de autoria. Da outra devem constar nome e dados do autor (filiação institucional, últimas publicações, e-mail). O texto também deve ser enviado em disquete flexível (de 3,5"), utilizando alguma das versões do processador de texto Word para Windows.
4. Os artigos não devem ultrapassar 40 laudas. As resenhas, sobre livros lançados nos últimos 12 meses, não podem ter mais do que cinco laudas.
5. **Só Lâmina** não publica bibliografias no final dos artigos. Todas as referências bibliográficas devem ser incluídas em notas de rodapé.
6. Com o artigo, deve ser enviado um resumo de no máximo dez linhas.
7. Os artigos devem ser enviados a: **Só Lâmina**, A/C Prof^a Regina Dalcastagnè, Depto. de Teoria Literária e Literaturas, UnB, ICC Ala B Centro Sobreloja Sala B-1 305, Campus Universitário, CEP 70910-900, Brasília - DF.
8. As normas completas estarão na página do **Boletim** na internet, no endereço <<http://www.unb.br/tel/boletim.htm>>.

Literatura Brasileira Contemporânea/Boletim é um informe quinzenal do GT Literatura Brasileira Contemporânea da Universidade de Brasília. Correspondência para: GT Literatura Brasileira Contemporânea, A/C Prof^a Regina Dalcastagnè, Departamento de Teoria Literária e Literaturas, Universidade de Brasília, CEP 70910-900 - Brasília - DF; e-mail: rdal@guarany.cpd.unb.br
Literatura Brasileira Contemporânea/Boletim na internet: <http://www.unb.br/tel/boletim.htm>